

OPINIÃO



Antonio Penteado Mendonça*

— Branc

A economia de volta ao passado

O Brasil retoma sua antiga vocação de país exportador de matérias-primas

Até a Segunda Guerra Mundial o Brasil era um país produtor de matérias-primas e exportador de produtos de baixo valor agregado, especialmente café, açúcar e alguns minérios, como o ferro. A imensa maioria do território nacional era inalcançável por qualquer meio de transporte que não fosse lombo de burro e um bom pedaço do interior era completamente desconhecido, até mesmo das expedições indianistas que varavam nosso sertão desde o começo do século 20.

Por exemplo, não havia nenhuma ligação rodoviária com o Brasil Central. E muito menos qualquer forma de ligação por terra unindo o Sul e o Norte. A única maneira de viajar por longas distâncias e fazer comércio era o navio, o que transformava cada parte do País num miniuiverso autônomo e praticamente desconhecido de quem não fosse da região.

A indústria paulista, que depois dos anos 1950 passou por um dinâmico processo de desenvolvimento, até aquela época produzia artigos com pouca sofisticação tecnológica e valor agregado, boa parte dela voltada para o setor têxtil. É verdade que existiam empresas metalúrgicas, de alimentação, bebidas, móveis, calçados, etc., mas, em sua maioria, eram pequenas e seu faturamento, somado, pouco significava dentro da economia brasileira.

O carro chefe era o café. Exportado em grão, dentro de sacaria de algodão, respondia por uma enorme parcela da entrada de divisas no País. Além dele, o açúcar e os minérios de ferro e manganês tinham algum peso. Éramos um país agrícola, atrasado, quase sem infra-estrutura moderna, com a maior parte da

população vivendo nas áreas rurais e nas cidades do interior, sem qualquer conforto como luz elétrica ou água encanada.

O grande salto acontece com a Segunda Guerra Mundial e com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, montada pelos norte-americanos como pagamento pela entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados. Na década seguinte, como desfecho natural do resultado da guerra e das mudanças porque passavam a nação e o mundo, a indústria automobilística se instala em São Paulo, aproveitando a infra-estrutura existente, muito superior à do res-

Os dados revelam que a participação de produtos com maior valor agregado caiu de forma acentuada no saldo comercial

tante do País, mudando a realidade do estado e, depois, a do Brasil, em menos de dez anos.

No final dos anos 1960, o Brasil surge no cenário internacional como a bola da vez, como “o país que mais cresce no mundo”, marchando a passos largos para ocupar lugar de destaque entre as maiores economias ocidentais. A indústria substitui a agricultura como carro-chefe da Nação e na pauta das exportações. Com isso, nossos produtos passam a ter melhor preço, em função da sofisticação dos meios de produção que lhes agregava valor no processo de transformação das matérias-primas em produtos acabados ou semi-acabados.

A transformação acontece em passos rápidos e aos poucos

deixa de ter apenas São Paulo como foco. Minas Gerais e Rio Grande do Sul também aproveitam as oportunidades de negócios geradas pelo cenário positivo e iniciam seus processos de industrialização, seguidos por Pernambuco e Bahia.

No auge do “milagre brasileiro”, nossa economia, pela primeira vez, entra no rol das dez maiores do mundo. Depois, vítimas de equívocos tremendos e da visão míope de boa parte dos formuladores das políticas nacionais, entramos num processo nacionalista sem pé nem cabeça, com a abertura desenfreada de empresas estatais e a criação de reservas de mercados para produtos sem competitividade, que nos colocou para trás em relação ao progresso do mundo.

Daí em diante, de crise em crise, rolando ladeira abaixo, um dia pior do que o outro, chegamos em 1994 e no grande momento da virada. Com a estabilidade financeira conseguida sem milagres ou congelamentos, o Plano Real reabriu para o País as chances de rapidamente recuperar o terreno perdido, diminuindo a distância que então já nos separava das nações mais desenvolvidas. E o processo de privatizações que se seguiu a ele acelerou ainda mais o ritmo da economia, recuperando a credibilidade internacional, sem a qual não há como se pretender jogar numa economia cada dia mais globalizada.

Neste momento a sociedade brasileira surfa uma onda positiva. Tem dinheiro na praça, e isso pode ser visto na quantidade de novos empreendimentos imobiliários e nas vendas de carros novos. Mas, do outro lado, o País, sem alarde, consolida sua volta ao passado, aos

anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, retomando a vocação de exportador de matérias-primas ou, no máximo, de produtos com baixo valor agregado, deslumbrando com a balança comercial positiva.

Cada vez mais nossas exportações dependem dos resultados das vendas de minérios e produtos agropecuários “in natura”. Pior ainda, de acordo com dados divulgados pela Universidade de São Paulo (USP), a participação dos produtos com valor agregado no saldo comercial vem diminuindo de forma acentuada, crescente e constante. Cada vez mais dependemos dos preços da soja, do milho, do açúcar, do café, do álcool e de alguns minérios para fazer frente à industrialização acelerada dos nossos rivais no comércio internacional.

Sem a China, dificilmente estaríamos na situação positiva em que nos encontramos. É ela a responsável pelo crescimento de boa parte de nossas exportações de minérios e de produtos agrícolas. Mas ela compra “in natura”, importa produtos com baixo valor agregado, para que a valorização do produto acabado resulte em benefício para indústrias e operários chineses.

Para completar o quadro, nosso foco em países pobres é um equívoco. Enquanto investimos em parcerias de retorno incerto, China, Rússia e Índia entram de sola nos Estados Unidos e na Europa. Se nós não mudarmos, em pouco tempo, seremos apenas um grande celeiro, fora do jogo para valer do século 21.

* Sócio de Penteado, Mendonça é membro da Academia Paulista de Letras. Próximo artigo do autor em 7 de novembro